

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN

trust

CARÁCTER INTEMPORAL
TIMELESS PERSONALITY

PORTUGAL CONT. 10,00€ - BE/FR/IT/ESP 14€ - NL/GR 15€ - DE 16€ - UK £14 - Suisse 16 CHF - Morocco 110 MAD - USA 28,95 \$ - Canada 26,95 CAD / Birmasrva



9 771640 1450074

00126

Philippe Vergne

Entrevista com o director do Museu
de Serralves / Interview with Serralves
Museum Director

A importância da inclusão no mundo
da arte, abrindo as portas do museu
ao público / The importance of inclu-
sion within the art world; opening the
doors of the museum to the public



PHILIPPE VERGNE, PH. © JOAQUIM NORTE DE SOUSA

Philippe Vergne é curador e crítico de arte, e assumiu a direcção do Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, em 2019. O seu entusiasmo residia no risco, descrito por si como um "leap of faith" (salto de fé), e no desafio de se lançar numa situação distante da sua zona de conforto. Antes de chegar a Portugal já conhecia Serralves e o seu programa, mas foram acima de tudo os artistas que conhecia e admirava, cujo trabalho tinha sido exposto em Serralves, que o ligaram à instituição. Nascido em França, iniciou a sua carreira como director do Musée d'Art Contemporain (MAC) de Marselha, cargo que exerceu entre 1994 e 1997. Posteriormente, integrou o Walker Art Center, em Minneapolis, como curador-chefe e director-adjunto, onde organizou mais de vinte e cinco exposições internacionais e acompanhou residências de artistas. Entre 2008 e 2014, foi director da Dia Art Foundation, em Nova Iorque, e, de 2014 a 2018, assumiu a direcção do Museum of Contemporary Art (MOCA), em Los Angeles.

A sua visão curatorial sublinha a importância de tornar o Museu de Serralves num espaço inclusivo e aberto ao público, capaz de servir os artistas, as comunidades e fomentar pensamento crítico. Procura estabelecer um diálogo entre obras que desafiam certezas e obras que oferecem conforto, mantendo o museu vivo, relevante e sempre capaz de surpreender.

Philippe Vergne is a curator and art critic who assumed the directorship of the Serralves Museum of Contemporary Art in Porto in 2019. His enthusiasm lay in the risk – which he described as a "leap of faith" – and in the challenge of stepping into a situation well beyond his comfort zone. Before arriving in Portugal, he already knew Serralves and its program, but, above all, it was the artists he admired, whose careers had included exhibitions at Serralves, that connected him to the institution.

Born in France, he began his career as director of the Musée d'Art Contemporain (MAC) in Marseille – a position he held between 1994 and 1997. He later joined the Walker Art Center in Minneapolis as chief curator and deputy director, where he organized more than twenty-five international exhibitions and oversaw artist residencies. Between 2008 and 2014, he was director of the Dia Art Foundation in New York, and from 2014 to 2018, he served as director of the Museum of Contemporary Art (MOCA) in Los Angeles.

His curatorial vision emphasizes the importance of making the Serralves Museum an inclusive space, open to the public, serving artists and communities, and fostering critical thinking. He seeks to create a dialogue between works that challenge certainties and those that offer comfort, keeping the museum alive, relevant, and always capable of surprising.

VERÓNICA DE MELLO: Como caracterizaria o Museu de Serralves no contexto internacional? Poderia apontar as diferenças entre uma instituição americana e uma europeia?

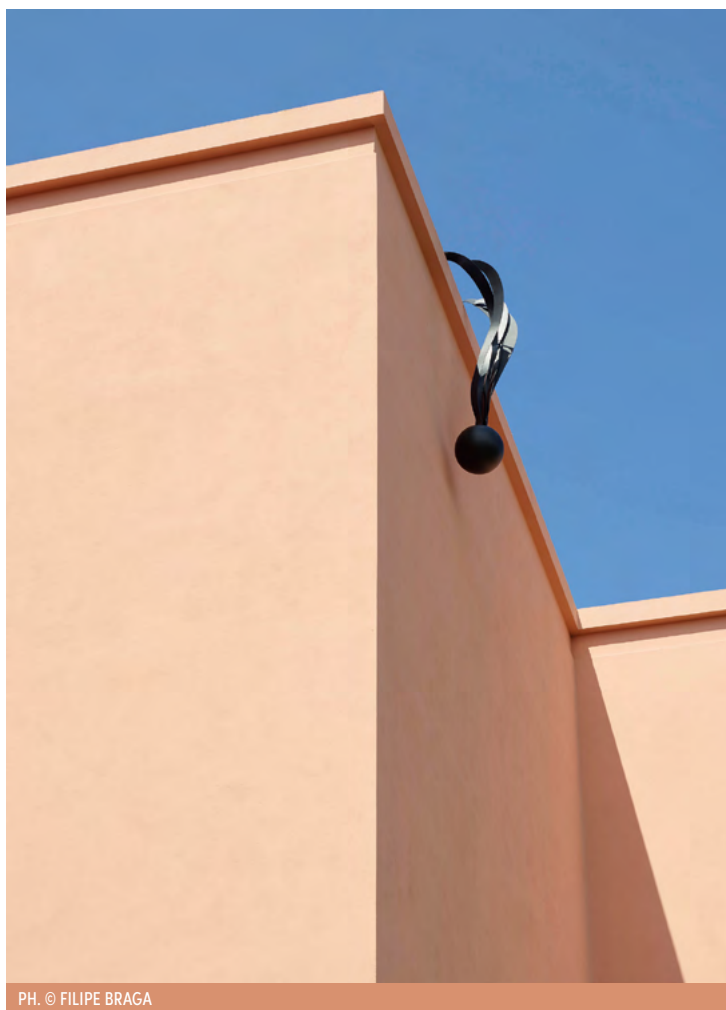
PHILIPPE VERGNE: Serralves é único. Devido à natureza multifacetada da sua oferta, artes, artes performativas, arquitectura e ambiente, é difícil encontrar muitos equivalentes. Serralves é mais do que um museu; é um modelo de instituição diferente. Penso que, em termos de "instituições irmãs", poderia citar o Museu Louisiana, o Walker Art Center em Minneapolis, o Inhotim no Brasil e, em certa medida, o Getty em Los Angeles, pela arquitectura, o ambiente e os arquivos. No que diz respeito às diferenças entre as instituições americanas e as europeias, trata-se de uma longa conversa. A resposta deve abranger os sistemas de financiamento e fiscais, a cultura filantrópica, a natureza da governamentação, a noção de instituições públicas *versus* instituições privadas e, em última análise, o que pertence à esfera pública e o que pertence à esfera privada. Existem muitas diferenças, mas o que é mais interessante é o que as une: o objectivo é servir os artistas, o público, a comunidade, proporcionar bolsas de estudo e conhecimento, a capacidade de criar e proteger espaços para a livre expressão, ideias não convencionais, inclusão e compreensão do que e quem parece, promovendo a literacia visual. Portanto, podemos ter métodos de funcionamento diferentes, mas acredito que partilhamos valores e que esses valores são, hoje em dia, o que precisamos de cultivar e proteger, pois são tão vulneráveis e frágeis quanto as colecções que mantemos e cuidamos.

VERÓNICA DE MELLO: How would you characterize the Serralves Museum within the international context? Could you point out the differences between an American institution and a European one?

PHILIPPE VERGNE: Serralves is unique. Because of the multifaceted nature of the offering, arts, performing arts, architecture and environment it is difficult to find many equivalents. Serralves is more than a museum; it is a different model of institution. I think that in term of "sister institutions" I could name the Louisiana Museum, the Walker Art Center in Minneapolis, Inhotim in Brazil and, to some extent, the Getty in Los Angeles for the architecture, the environment and the archives.

Regarding the differences between American institutions and a European institution, that's a long conversation. The answer should encompass funding and fiscal systems, philanthropic culture, the nature of governance, the notion of public institutions versus private institutions, ultimately what belongs to the public sphere and what belongs to the private sphere. There are a lot of differences there, but what is more interesting is how what brings them together is their goal: serving artists, audiences, community, providing scholarship and knowledge, the ability to create and protect spaces for free expres-

sion, non-conventional ideas, inclusiveness and understanding of what and who seems, fostering visual literacy. So, we might have different operating methods, but I believe that we share values and nowadays these values are what we need to nurture and protect as they are as vulnerable and fragile as the collections we keep and care for.



PH. © FILIPE BRAGA

V.D.M. Qual tem sido a sua visão curatorial para o Museu de Serralves?

P.V. Nos últimos anos, foi curador/co-curador de Olafur Eliasson: *Y/Our Future Is Now*, 2019; Rui Chafes: *Chegar sem partir / Arriving without leaving*, 2022; Mark Bradford: *Ágora*, 2021, Alexandre Calder: *A Balancing Line*, 2023; Ai Weiwei: *Intertwine*, 2023; Louise Bourgeois: *To Unravel a Torment*, 2020, e *Provas Materiais*, 2025; e a presente exposição de Maurizio Cattelan, *Sussurro*, 2025.

A visão curatorial encontra-se entre as exposições. A primeira ideia é convidar artistas transformadores. Artistas que influenciam a forma como vemos a arte e artistas que se envolvem com as questões que moldam o nosso tempo. Através da cultura e das disciplinas. Penso sempre em termos de "confronto e conforto" para criar um equilíbrio. Para criar uma tensão entre obras que nos confrontam e à nossa certeza e obras que nos confortam, mas que ainda assim nos fazem pensar criticamente. Mas o programa do museu é mais do que a visão de uma única pessoa. É um esforço de equipa, e tenho a sorte de trabalhar com uma equipa inspiradora. Marta Almeida, a nossa directora adjunta, Ricardo Nicolau, adjunto do director, Inês Grosso, a nossa curadora-chefe, Cristina Grande e Pedro Rocha nas Artes Performativas, Sónia Oliveira na biblioteca, e também António Preto na Casa de Cinema, António Choupina na arquitectura e Helena Freitas no Parque. Portanto, é a soma de todos nós que cria a riqueza e a diversidade dos programas. E, claro, a parte mais inspiradora da programação é descobrir como permanecer relevante.

V.D.M. Como prevê o futuro do Museu de Serralves? O que gostaria de ver na sua programação nos próximos anos?

P.V. Brilhante. Gostaria de ser surpreendido.



PH. © FILIPE BRAGA



PH. © FILIPE BRAGA

V.D.M. What has been your curatorial vision for the Serralves Museum?

P.V. For the last years you curated / co-curated Olafur Eliasson: *Y/Our Future Is Now*, 2019; Rui Chafes: *Chegar sem partir / Arriving without leaving*, 2022; Mark Bradford: *Ágora*, 2021; Alexandre Calder: *A Balancing Line*, 2023; Ai Weiwei: *Intertwine*, 2023; Louise Bourgeois: *To Unravel a Torment*, 2020 and *Provas Materiais*, 2025; and the present exhibition Maurizio Cattelan, *Sussurro*, 2025. The curatorial vision is to be found between the exhibitions. The first idea is to invite transformative artists. Artists who affect the way we look at art and artists who are engaging with the issues that shape our time. Across culture and disciplines. I always think in terms of "confront and comfort" to create a balance. To create a tension between works that confront us and our certainties and works that comfort us, but to still make us think critically.

But the program of the museum is more than one person's vision. It's a team effort, and I am blessed to work with such an inspiring team. Marta Almeida, our deputy director, Ricardo Nicolau, adjunct to the director, Inês Grosso, our chief curator, Cristina Grande and Pedro Rocha in Performing Arts, Sonia Oliveira in the library, and also António Preto at Casa de Cinema and António Choupina for architecture and Helena Freitas for the Park.

So, this is the sum of all of us that create the richness and the diversity of the programs. And of course, the most inspiring part of programming is to figure out how to remain relevant.

V.D.M. How do you foresee the future of the Serralves Museum? What would you like to see in its programming over the coming years?

P.V. Bright. I would like to be surprised.





V.D.M. Considerando que esta é a primeira exposição individual de Maurizio Cattelan em Portugal, e que a ironia é uma constante na sua obra, quais foram os factores que levaram à escolha do Museu de Serralves como espaço expositivo para *Sussurro*? Como é que o diálogo com a Casa e o Parque de Serralves contribui para a experiência da obra?

P.V. Vejo o uso do humor como uma estratégia crítica. O elemento constante da sua obra poderia ser resumido da seguinte forma: Prefiro rir do mundo para não ter que chorar por ele. A obra é sobre História e o perigo de ignorar as lições da História. É sombria. E ainda mais sombria no contexto actual. É *commedia dell'arte* e o Maurizio é o bobo da corte, o *fou du roi*. Mas nunca o palhaço. Ele é o delator que sussurra aos nossos ouvidos.

Tanto a Villa quanto o Parque são partes significativas da exposição. Há um diálogo pleno e tolo entre as obras e a arquitectura. A arquitectura é dos anos 30/40 e a História que Maurizio Cattelan contempla frequentemente tem as suas raízes nos anos 40. O seu trabalho é altamente performático. Cada escultura representa os espaços de forma teatral e a Villa proporciona uma sucessão de palcos. As obras adicionam uma camada narrativa à da Villa. Cada escultura é tanto anfitriã quanto convidada, portanto, como disse Duchamp, um fantasma. O mesmo diálogo existe no Parque. É maravilhosamente triste ver o Pinóquio morto flutuando no lago. Mais poderoso que a Disney. Mas o que posso dizer, *Pinóquio*... ele mentiu, ele morreu. Isso é um assunto sério. Numa era dominada pela verdade relativa ou pela verdade alternativa, esta é uma boa lição. Maurizio Cattelan é um comediante, como estipulado pela sua escultura homónima. Os comediantes são indicadores, são as cascas de banana. Quando as sociedades estão sob ameaça, os comediantes são os primeiros a serem mandados embora.

O trabalho de Maurizio Cattelan trata da falácia do poder e nos encoraja a considerar a história e a alfabetização visual para que não tomemos como certo o que vemos ou o que nos é dito. Pode ser também o que um museu representa. ^A

V.D.M: Considering that this is Maurizio Cattelan's first solo exhibition in Portugal, and given that irony is a constant element in his work, what were the factors that led to the choice of the Serralves Museum as the exhibition's space for *Sussurro*? How does the dialogue with the Serralves House and Park contribute to the experience of the work?

P.V. I see the use of humor as a critical strategy. The constant element of his work could be summed up as follows: I'd rather laugh at the world, so I don't have to cry about it. The work is about History and the danger of ignoring the lessons of History. It's dark. And Even darker in today's context. It is *commedia dell'arte* and Maurizio is the court jester, the *fou du roi*. But never the clown. He is the whistle blower who whispers in our ears.

Both the Villa and the Park are significant parts of the exhibition. There is a full and fool's dialogue between the works and architecture. The architecture is from the 30s / 40s and the History that Maurizio Cattelan contemplates is often rooted in the 40s. His work is very performative. Each sculpture performs the spaces in a theatrical way, and the Villa provides a succession of stages. The works add a narrative layer to the one of the Villa. Each sculpture is both a host and guest and, therefore, as Duchamp said, a ghost. The same dialogue exists in the Serralves Park. It is marvelously sad to see the dead Pinocchio floating in the lake. More powerful than Disney. But what can I say, *Pinocchio*... he lied, he died. This is serious business. In an era dominated by relative truth or alternative truth this is a worthy lesson. Maurizio Cattelan is a Comedian, as stipulated by his eponymous sculpture. Comedians are bellwether, they are the banana peels. When societies are under threat, comedians are the first to be banished.

Maurizio Cattelan's work is about the fallacy of power, and it encourages us to consider history and visual literacy, so we do not take what we see or what we are told at face value. This might also be what a museum is about. ^A



SUSSURRO, PH. © RICARDO RAMINHOS